



Apresentação

Eduardo Victorio Morettin¹

A 55ª edição de *Significação: Revista de Cultura Audiovisual* está dividida em duas seções: “Artigos”, com publicações centradas na discussão estética e teórica do cinema, televisão, vídeo e games, e “Resenhas”.

Abrimos este número com o artigo de Roberta Veiga e Cláudia Mesquita, “O feminismo de Sarita: limiar, dialética e interseccionalidade em *De Cierta Manera*”, que aborda o filme de 1977 de Sara Gómez, primeiro longa-metragem dirigido por uma mulher negra em Cuba. A escolha desse artigo para abrir a edição indica a vontade de chamar nossa atenção para a necessidade de revisitar a história do cinema a partir de outros parâmetros, aliando o cotejo com o contexto histórico ao exame dos elementos estéticos que constroem a narrativa fílmica, percurso analítico empreendido pelas autoras. Revisitar a história, estratégia empregada neste e em outros estudos presentes nesta edição, implica em repensar o momento presente e as possíveis estratégias de um cinema político. Esta perspectiva se mantém em “Se eu fosse você: liminal spaces of gender and sexuality”, de Roberta Gregoli, que investiga a obra de 2006 de Daniel Filho por meio dos conceitos de gênero e sexualidade e sua relação com a cultura popular, como esta comédia de grande sucesso de público parece exemplificar.

O cinema brasileiro evocado por Gregoli será o tema dos quatro artigos seguintes. O primeiro deles é o de Gustavo Souza, que em “A tradição da vítima revisitada” desdobra a discussão proposta por Brian Winston a respeito da tradição da vítima no documentário a fim de examinar *Estamira* (2004), de Marcos Prado, *Jogo de cena* (2007), de Eduardo Coutinho, *Atos dos homens* (2006), de Kiko Goifman e *Branco sai, preto fica* (2015), de Adirley Queirós, trabalhando com a hipótese de “que existem ao menos duas dimensões para a vitimização que se distanciam da ideia de vítima

¹ Professor de História do Audiovisual da Escola de Comunicações e Artes da USP e coeditor da revista *Significação* até outubro de 2020. E-mail: significacao@usp.br

//////////
samente como marginal; bem como o reconhecimento de que a vitimização é uma produção das políticas de Estado”. Maria Helena Braga e Vaz da Costa, em “Filmes de prédio: espaço, arquitetura e heterotopia em filmes”, propõe o exame das distintas e múltiplas representações de Recife em *Deserto feliz* (2008), de Paulo Caldas, *Um lugar ao sol* (2009), de Gabriel Mascaro, e *Aquarius* (2016), de Kleber Mendonça Filho, mobilizando aqui o conceito foucaultiano de heterotopia, importante para pensar os tensionamentos entre a imagem e o seu referencial. Mascaro é o objeto de estudo de Vitor Cerqueira Dassie, que, em “Luto e memória: a fragilidade do entrelugar em *Ventos de Agosto*”, dedica-se ao primeiro longa do cineasta, realizado em 2014, para examinar como se entrelaçam interculturalidade e memória na obra em questão. Para encerrar este pequeno bloco dedicado ao cinema brasileiro, temos “O Álbum de fotografia em *O filme da minha vida*”, de Dafne Di Sevo Rosa, que examina o trabalho de 2017 de Selton Mello para articular os principais teóricos da imagem fotográfica com os recursos narrativos e estéticos empregados pelo filme.

Continuamos no terreno das imagens produzidas no Brasil em “Narrativas audiovisuais da periferia e disputas culturais em busca do povo”, de Wilq Vicente, em movimento já apontado aqui, o de recuperar os processos históricos a fim de compreender a situação contemporânea. O autor traça a história dessa forma de manifestação audiovisual, o chamado vídeo popular, para entender a possibilidade da produção atual “articular um discurso inovador, do ‘nós por nós mesmos’ que efetivamente traduz os interesses desses novos atores”, dentre as diversas questões que se propõe a responder.

Os próximos artigos operam dentro de outra cinematografia, potencializando outros aportes teóricos que se mostram produtivos conforme o caso analisado. Leonardo Bomfim Pedrosa e Cristiane Freitas Gutfreind, por exemplo, em “Planos frontais e autoridade em crise no cinema: o acontecimento disruptivo”, atravessam filmes de John Ford, Alfred Hitchcock, Major Thomaz Reis, Julio Bressane e James Williamson, para avaliar tanto a ideia de configuração de Alain Badiou quanto a perspectiva de Sylvie Lindeperg sobre “os sinais instáveis da imagem cinematográfica”. Sebastian Jorge Morales Escoffier, por sua vez, em “Ontología del cine digital: la muerte del cine y la apertura a un cine menor” reflete sobre o que chama de “crise identitária” vivida pelo cinema com a chegada

do digital e a validade de certos aportes teóricos. Já Aline Aparecida Santos e Ana Silvia Lopes Davi Médola, em “Um olhar semiótico sobre o efeito rashomon”, pensam, a partir do clássico de 1950 de Akira Kurosawa, os “contratos enunciativos” da obra a partir “de conceitos da semiótica discursiva como as noções de credulidade e credibilidade e os elementos da sintaxe discursiva”.

Outro momento desta edição de *Significação* é composto por artigos dedicados ao cinema francês e sua história. “Pontos de escuta e diegese da *chanson* no cinema”, de Leonardo Alvares Vidigal, estuda a trajetória da *chanson*, gênero de música popular francesa, estabelecendo os laços entre as diferentes dimensões sonoras e as imagens de *Sous le toits du Paris* (*Sob os telhados de Paris*, 1931), de René Clair, *Pépé le Moko* (*O Demônio da Argélia*, 1936), de Julien Duvivier, e *Cléo de 5 às 7* (*Cléo das 5 às 7*, 1961), de Agnès Varda. Liciane Timoteo de Mamede, em “*Paris 1900* e *Le souvenir d’un avenir*: o presente e o futuro das imagens”, aproxima o documentário feito em 1946 de Nicole Vedrès de *Le souvenir d’un avenir* (2001), de Chris Marker e Yannick Bellon, para pensar a forma como “a guerra enquanto evento traumático e o dever de memória” e como convergem, no exame do passado, duas temporalidades, a saber, a “do presente e futuro diegéticos num único bloco de significação.”

Os artigos finais se dedicam a formas de manifestação audiovisual distintas. Em “Interpretações sobre o Japão mediadas pelo *reality show Ainori Love Van*”, de Mayara Araujo e Krystal Urbano, temos a discussão do *soft power* japonês a propósito do *reality* produzido entre 2017 e 2019, veiculado e disponível na Netflix, em particular dos episódios em que um dos destinos turísticos é Taiwan. “Imagens de mundos de jogo e práticas espaciais”, de Suely Fragoso, traz importante reflexão teórica sobre “o impacto das imagens dos mundos de jogo sobre as práticas espaciais dos jogadores”.

Terminamos este percurso com a resenha de Erika Amaral sobre o livro *Mulheres de cinema* (2019), organizado por Karla Holanda, texto que remete ao tema do primeiro artigo desta edição e que fecha, em grande estilo, as discussões levadas pelas autoras e autores ao longo das próximas páginas.

A edição 55 de *Significação: revista de cultura audiovisual* é a última sob a minha responsabilidade como editor. A partir de outubro de 2020, Patrícia Moran Fernandes e Esther Império Hamburger assumem a editoria do periódico. Minha trajetória em



Significação iniciou-se em 2005, quando Maria Dora Genis Mourão e Eduardo Peñuela Cañizal (in memoriam) decidiram trazer a revista para a USP, periódico que estava sendo publicado desde 1999 pelo Núcleo de Pesquisa em Poética da Imagem (Nuppi) com apoio da Universidade Tuiuti do Paraná.

Foram quinze anos dedicados à *Significação*, acompanhando suas principais modificações: a mudança de enfoque do periódico em 2007, expressa pela troca de seu subtítulo – de *Revista brasileira de semiótica* para *Revista de cultura audiovisual* a fim de enfatizar os temas ligados ao audiovisual em sua interface com as ciências humanas, as artes e as comunicações, como a presente edição também exemplifica; a incorporação da revista em 2009 ao Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais (PPGMPA), com nova composição gráfica; a sua passagem em 2011 para a versão digital; a sua incorporação em 2014 ao Portal de Revistas da Universidade de São Paulo, com a digitalização de todos os números impressos, permitindo assim o fácil acesso aos interessados.

Nesta década e meia, sempre estive envolvido, direta ou indiretamente, com a editoria da revista. Formalmente fui coordenador editorial em 2006 (números 25 e 26) e compus a comissão editorial até 2012, passando à função de editor no mesmo ano. Trabalho que somente foi possível em virtude da existência de uma competente comissão científica e editorial e da colaboração de inúmeros colegas, dentre os quais Arlindo Machado (in memoriam), Cristian Borges, Eduardo Peñuela Cañizal (in memoriam), Eduardo Vicente, Geraldo Carlos do Nascimento, Irene Machado, Maria Dora Genis Mourão e Rosana de Lima Soares. O PPGMPA, na figura de suas coordenadoras e coordenadores, foi fundamental para que o empreendimento alcançasse êxito, assim como o suporte indispensável do já referido Portal de Periódicos da USP, que, por intermédio de André Serradas e Elisabeth Dudziak, nos auxiliaram a resolver todos os problemas que surgiram ao longo destes anos.

Bolsistas do Programa de Bolsas da USP, alunas e alunos do PPGMPA, pós-doutorandas e pós-doutorandos, além de André Jales Paris, estagiário da revista nestes dois últimos anos, foram fundamentais para que a *Significação* conseguisse, mantendo sempre a qualidade acadêmica de seus textos, publicar seus números sem atrasos, ingressar em inúmeras bases de dados, criar seu canal



no Youtube e sua página no Facebook, dentre inúmeras iniciativas que poderiam ser listadas.

Por fim, mas não menos importante, eu gostaria de agradecer especialmente Dora e Peñuela que, ao trazerem a revista para a nossa universidade, depositaram em mim sua confiança para que a revista seguisse em frente.

Certo de que os novos desafios encontrarão na próxima editoria respostas à altura, desejo às leitoras e aos leitores que o contato com os artigos desta edição estimule novas reflexões e a ampliação dos horizontes de pesquisa.

Boa leitura!